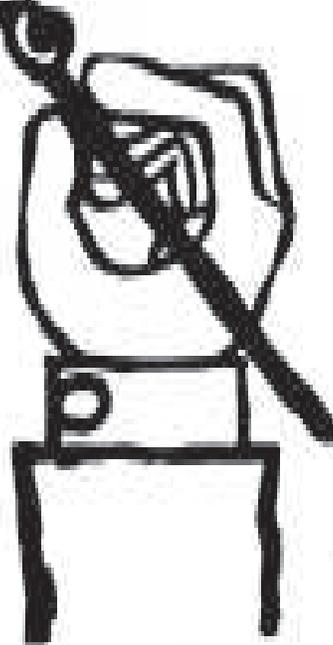


je participe
tu participes
il participe
nous participons
vous participerez
ils profitent



Cartaz do Maio de 68, azul sobre fundo branco, papel *affiche*, offset, 48x37cm.



Fotografia: Mariza Almeida.

Clara Sandroni¹

Ele é uma referência nacional, parece um amigo de muito tempo, alguém que esteve presente nas horas difíceis dos anos 60, 70, 80, 90, e, até hoje, está sempre junto, com uma palavra amiga, mais que amiga, uma palavra que instiga, que faz pensar, que faz chorar.

A voz, no começo de carreira, um pouco tímida, melhor assim, é uma voz próxima, de gente normal, é uma voz de alguém que poderia estar do seu lado dizendo: “vai passar, nessa avenida, um samba popular!”. Ele nunca foi famoso como o rei, capaz de lotar Maracanã em final de campeonato, mas não há quem não tenha ouvido falar “pra ver a banda vai passar cantando coisas de amor”. E em algum lugar do mundo, um brasileiro meio perdido, meio com saudade da terrinha, sempre lembra do “Pedro pedreiro esperando, esperando o trem”.

Hoje, depois de tanto anos de composições, discos, cds, peças de teatro, shows e livros, ele surpreende, de novo, e aparece contando sua vida e sua obra em DVDs. Sucesso inesperado de vendas, e mais uma vez lá está ele, lembrando os fatos, as músicas e falando de tudo: do mundo, de política, dos amores, das mulheres.

Chico Buarque de Hollanda fala das mulheres, em suas canções, na primeira pessoa e fantasia para ele as mulheres que nós somos de uma maneira... que nos

¹ Cantora. Produtora Cultural. Diretora do Centro Cultural Austregésilo de Athayde.

toca profundamente! Talvez porque nós fantasiemos a mulher da mesma forma! Ele não fala da mulher que somos, mas da que sonhamos ser... e isso é muito melhor!

As crianças, as bailarinas, os marujos, os abandonados, os apaixonados, e tantos e tantos outros personagens, toda uma nação de seres prontos para nos fazer rir e chorar e sentir toda gama de paixões.

Não é à toa que ele desperta tantas paixões. Nasceu no Rio de Janeiro, em junho de 44, mas logo dois anos depois mudou-se para São Paulo. A família acompanha o pai que vai dirigir o Museu do Ipiranga. Com 15 anos já é admirador de Noel Rosa, Ismael Silva e Aaulfo Alves, e diz que seu sonho é cantar como João Gilberto, fazer música como Tom Jobim e letra como Vinícius de Moraes. Ele realizou seus sonhos. Já de pequeno conviveu com Vinícius de Moraes, amigo da família e, reza a lenda, quase foi esmagado pelo poeta, que ia sentando no sofá sem perceber o bebê enrolado em panos logo abaixo de suas nádegas! Com um grito da irmã foi salvo de um belo amasso!

Sobreviveu à desatenção de Vinícius e mais tarde seria seu parceiro em lindas e eternas canções. Teria em 65 sua primeira canção escrita em um festival, o “I Festival Nacional de Música Popular Brasileira”, transmitida pela TV Excelsior. Nessa época conheceu Elis Regina, porém mais tarde foi Nara Leão quem o lançou para o mundo, interpretando “A Banda” no mesmo festival no ano seguinte.

O filho de Sérgio Buarque de Hollanda (importante historiador e jornalista brasileiro) e de Maria Amélia Cesário Alvim começava então uma carreira de sucessos e, como disse Millor Fernandes, virou rapidamente uma “unanimidade nacional”. Em 69, com o crescimento da repressão da então ditadura militar, auto-exilou-se na Itália. Ao retornar ao Brasil, já casado com a atriz Marieta Severo e com três filhas para criar, foi um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização do país, através de sua atuação pessoal e de suas canções, de tantas canções... “quem foi quem foi que falou no boi voador, manda prender esse boi, seja esse boi o que for”; “pai, afasta de mim esse cálice”; “O que será que será?”; “você não gosta de mim, mas sua filha gosta”. Ele foi sempre um amigo a nos animar, nos emocionar e a nos fazer cantar, e como cantamos!!! Um amigo presente para nos lembrar sempre de que “amanhã vai ser outro dia”, ou ainda de que “o que eu quero é te dizer... que a coisa aqui tá preta!”.

E lá vai ele descendo a pé a rua Aperana no Leblon e andando pela praia até o Arpoador, com passadas rápidas, concentrado em seus pensamentos, procurando não chamar a atenção dos transeuntes, seus fãs! O carioca da zona sul, acostumado a ver artistas e “celebridades” pra todo o lado, respeita o poeta, finge que não viu, dá uma olhada de soslácio e, quem sabe, tira uma fotinho de celular enquanto o poeta já vai longe. Remoendo, quem sabe, uma nova idéia para um livro, uma peça de teatro, uma nova canção?

Os shows são poucos, mas duram muito. Fica quatro, cinco anos sem fazer shows, daí estréia um novo e fica um ano ou mais em cartaz, percorrendo o Brasil, fazendo a alegria do povo. Os espetáculos são lotados, as palmas e assobios parecem não parar nunca, ele volta duas, três vezes para o bis. A banda que o acompanha é praticamente a mesma há mais de vinte anos, músicos fiéis ao seu estilo, afinados com sua harmonia e seu violão.

Não ficou só com o talento e o incentivo familiar. Estudou música, violão, harmonia e faz uma música cada vez mais elaborada, sutil e complexa. Seu CD de 1998, *As cidades*, é de uma beleza e de uma complexidade harmônica que nos faz pensar em Schönberg, em Stravinsky e, por que não, em Arrigo Barnabé! Isso sem nunca perder a ternura, sem nunca perder o discurso que vai tão direto ao nosso coração, por sua verdade, simplicidade, por sua sacação perfeita daquele sentimento que, pensávamos, era só nosso. Chico Buarque parece estar nos nossos sonhos, estar na nossa vida, nos observando para depois, para surpresa nossa, falar de nós em suas canções.

Atuou no cinema no filme *Quando o Carnaval Chegar* de Cacá Diegues, delicioso musical onde contracena com Nara Leão e Maria Bethânia, entre outros. Fez a música tema deste e de vários outros filmes como: *Vai Trabalhar Vagabundo*, *Se Segura Malandro* e *Vai Trabalhar Vagabundo vol.II* de Hugo Carvana; *Bye Bye Brasil*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Eu te Amo* – os últimos com Sonia Braga no papel principal. Um de seus livros, *Benjamim*, foi adaptado para o cinema em 2003 com Cleo Pires, Danton Melo e Paulo José nos papéis principais.

Em 1990 finalizou o primeiro romance, *Estorvo*, depois vieram mais dois, *Benjamim* e *Budapeste*. Em 66 já havia publicado livros: o songbook chamado *A Banda* com um conto, *Ulisses*; depois vieram *Fazenda modelo*; *Chapeuzinho Amarelo* (infantil); e *A bordo do Rui Barbosa*.

É um apaixonado por futebol, vai jogar três vezes por semana em seu campo no Recreio, veste a camisa número 9 de seu time, o Politheama. São suas palavras: “Eu não jogo futebol para ficar em forma, eu fico em forma para jogar futebol. Então, tenho de fazer minha caminhada”. Ele continua sua caminhada diária pelo Leblon, Ipanema, Copacabana, às vezes vai pelo Jardim Botânico até Botafogo e enquanto isso trabalha, pensa, cria. Diz que só consegue compor em movimento. Haja perna, para jogar futebol e para compor! Fluminense doente, estava lá no jogo contra o Boca Juniors, torcedor apaixonado dando sua bênção à linda vitória do time. Também eternizou o jogo em sua canção *O futebol* fazendo uma bela metáfora entre compor e jogar: “para estufar esse filó como eu sonhei, só se eu fosse o rei / para tirar efeito igual ao jogador qual compositor”.

Sobre sua música para o teatro, Yan Michalski, crítico teatral, comenta:

No dia 17 de dezembro de 1965, sentado no Teatro Maison de France, passei por uma das primeiras emoções inesquecíveis da minha incipiente carreira de crítico teatral. *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, na montagem do TUCA paulista, trazia um poderoso sopro de renovação para o teatro brasileiro... também, de uma singular musicalidade, que escapava dos limites das lindas canções e irradiava-se por todos os setores do espetáculo. Ele devia-se à colaboração, que na minha crítica adjectivei de ‘inspiradíssima’ e ‘maravilhosa’, de um estudante de Arquitetura, ainda não Chico Buarque, mas Francisco Buarque de Hollanda, 19 anos de idade. Ninguém no Rio tinha ouvido falar nele; ninguém iria, nunca mais, esquecer seu nome.

Logo após, Chico viria procurar o crítico para lhe pedir opiniões sobre uma peça que havia escrito, a *Roda-viva*. Outras peças viriam: *Calabar*, proibida pela censura em plena ditadura militar e mais tarde montada em São Paulo; e *Gota d'água*, que não era um musical, mas sim um drama poético em versos, com algumas canções. Mais uma vez, nas palavras de Yan:

Pela primeira vez poderíamos avaliar as possibilidades de Chico como dramaturgo, sem ficarmos condicionados pela admiração que todos temos pela sua produção como letrista e compositor. O resultado não surpreendeu: o texto foi saudado como uma obra-prima da dramaturgia brasileira, e até hoje nada perdeu da sua densidade. Trabalhando mais uma vez em parceria, agora com Paulo Pontes, ambos baseando-se numa idéia original de Oduvaldo Vianna Filho, Chico confirmava aqui, deslumbrantemente, os seus dons de poeta e a sua sintonia com o lirismo da alma brasileira.

Mais tarde viria *A Ópera do Malandro*, talvez a mais conhecida atualmente e que conta com diversas montagens, inclusive uma recente de grande sucesso de público. O texto é intercalado com lindíssimas canções que ganharam vida própria em interpretações de grandes cantoras e cantores.

Em 1998 Chico Buarque foi tema do enredo da escola de samba da Mangueira, que se sagrou campeã do carnaval naquele ano. O samba sempre esteve com o Chico, desde seus primeiros sucessos e até hoje. *Olê Olá, Vai passar, A Rita, A Rosa, A volta do Malandro, Amor barato, Apesar de você, Biscate*, a lista não acaba nunca. Chico também não tem pressa de acabar, gosta de viver esse carioca, meio paulista, mezzo italiano. A poucos dias de completar 63 anos, declara que gosta muito da vida, acha que com saúde, fazendo tudo direito, dá pra viver um bocado mais. Diz que quer viver com saúde e imaginação, com vontade de criar. E que quer, aos 90 anos, poder virar uma noite por causa de um livro ou uma música. Oxalá o proteja e que os anjos digam amém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MISCHALSKI, Yan. Depoimentos. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/texto/depoimentos/mestre.asp?pg=depoto_yan.htm> . Acesso em 18 de junho de 2008

Recebido em 30 de maio de 2008

Aprovado para publicação em 17 de junho de 2008.